

Morte e Vida Severina

Roteiro de Leitura
Carlos Rogério D. Barreiros

João Cabral de Melo Neto

UM AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO

Morte e Vida Severina é a narrativa em versos da viagem que o retirante Severino faz de sua terra — a serra da Costela, nos limites da Paraíba — até Recife, seguindo o curso do rio Capibaribe. Chamada **auto** pelo próprio autor, assemelha-se às composições de caráter religioso ou moral dos séculos XV e XVI, cuja representação teve origem nos **Presépios**, encenações do nascimento de Cristo, típicas também em Pernambuco, estado em que corre a obra de João Cabral de Melo Neto.

Os versos que compõem a narrativa são predominantemente redondilhas e não apresentam estrutura rítmica regular. Divide-se o texto em dezoito quadros — cujos títulos são uma pequena síntese do que será lido adiante. Os nove primeiros retratam o curso da viagem de Severino a Recife; os outros, suas experiências na cidade que tanto esperava.

No primeiro quadro, **o retirante explica ao leitor quem é e a que vai**, mas se depara logo de início com uma dificuldade: como poderá identificar-se, se há tantos Severinos iguais a ele, com mães e pais cujos nomes também são extremamente comuns?

*Como há muitos Severinos
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.*

Nota-se a despersonalização do protagonista, que ele mesmo reafirma, logo depois:

*Somos muitos Severinos
iguais em tudo nesta vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.*

Se se assemelha a outros tantos Severinos fisicamente, também será igual a eles na **morte severina**, que explica ou condensa parte do título:

*morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).*

A morte ocasionada pelas injustiças sociais — **de velhice antes dos trinta** e **de fome um pouco por dia** — ou pela violência do sertão — **de emboscada antes dos vinte** — é a mesma para todos os Severinos, fadados a ela desde o dia em que nascem. Para a compreensão do texto, é essencial a compreensão do binômio **morte/vida**: repare que a narrativa, iniciada com um comentário sobre a morte comum a todos os retirantes do sertão, é terminada com um nascimento — a explosão da vida, mesmo que Severina.

Depois de se apresentar e convidar os leitores — tratados respeitosamente por **Vossas Senhorias** — a acompanhá-lo em sua jornada até o Recife, o retirante **encontra dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: “ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que matei não!”**. É a segunda morte com que Severino se depara: o defunto carregado morreu de **morte matada** por ter alguns hectares de terra, evidenciando, mais uma vez, a violência que é **causa mortis** no sertão:

— *E era grande sua lavoura,
irmãos das almas,
lavoura de muitas covas,
tão cobiçada?*
— *Tinha somente dez quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.*
— *Mas então por que o mataram,
irmãos das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?*
— *Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.*

O diálogo tem o vocativo **irmão das almas** no segundo verso, criando uma ladainha. A **ave-bala** é a metáfora da violência praticada pelos grandes proprietários, que deixará a **semente de chumbo** guardada no cadáver. Severino propõe-se a ajudar os irmãos das almas a carregá-lo.

No terceiro quadro, **o retirante tem medo de se extraviar porque seu guia, o rio Capibaribe, cortou com o verão**, ou seja, secou. Compara-se o trajeto até Recife com um rosário cujas contas são as vilas e cidades e cuja linha é o rio: o retirante sabe que deve rezá-lo até que o rio encontre o mar, mas não é fácil porque

*entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,
há certas paragens brancas,
de plantas e bichos vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.*

Desorientado, ouve um canto distante em uma casa, onde se cantam excelências para um defunto, enquanto um homem, do lado de fora, vai parodiando as palavras dos cantadores: é mais uma morte no caminho do retirante. A paródia do homem fala das coisas de não, como se a morte severina — o defunto, curiosamente, chama-se Severino — fosse negação absoluta do que é vida:

— *Finado Severino,
quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...*

— *Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.*

(...)

— *Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação.*

(...)

— *Dize que coisas de não,
ocas, leves:
como o caixão, que ainda debes*

No quinto quadro, o retirante questiona-se sobre a vida e sobre a morte: talvez seja prudente parar naquele lugar para procurar trabalho.

— *Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).*

Cansado do encontro com a morte, o retirante afirma que a pouca vida que encontrou era, também, severina. Note o jogo feito com a palavra **severino**, diminutivo do adjetivo **severo**: a vida e a morte são o mesmo, **severas** — porque a primeira é assolada pela segunda — e **anônimas**, como insinuou o próprio retirante no início da narrativa.

No sexto quadro, **dirige-se à mulher na janela**, que talvez lhe pudesse dar notícia de algum trabalho. No entanto, tudo que se faz naquele lugar está relacionado à morte: ela é a rezadora titular dos defuntos de toda a região. Mesmo que Severino saiba lavar, arar, tratar de gado, cozinhar ou tratar de moenda, pouco poderá fazer ali:

— *Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.*

A morte atrai moradores do litoral, interessados em ganhar dinheiro. São os retirantes às avessas:

*Imagine que outra gente
de profissão similar,
farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar,
retirante às avessas,
sobem do mar para cá.*

Comparam-se os trabalhos que são feitos na terra com os ofícios que a morte exige. Ela é mais lucrativa e menos trabalhosa, pois no “cultivo da morte” as pragas e estiagens são aproveitáveis:

*Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar;
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpar;
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.*

A zona da mata, que parecia tão encantadora no sétimo quadro, será tão dura quanto o sertão, quando Severino assistir ao enterro de um trabalhador. Se naquela terra **mais branda e macia/ quanto mais do litoral/ a viagem se aproxima** a vida não era tão áspera, parece óbvio ao retirante que ali

*não é preciso trabalhar
todas as horas do dia,
os dias todos do mês,
os meses todos da vida.*

No entanto, no enterro do oitavo quadro observa-se que a morte ainda se faz presente, mesmo em terra tão rica e fértil. É o trecho mais famoso do poema:

- *Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.*
- *É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.*
- *Não é cova grande,*

*é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.*

- *É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.*
- *É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.*

Ao defunto cabe calar-se por ter recebido terra de graça. Ciente de que a vida e a morte na serra, onde nasceu, na caatinga e na zona da mata é exatamente a mesma, Severino afirma que o que o levou a retirar-se não foi a cobiça, mas a vontade de estender a vida, já que havia conseguido alcançar os vinte anos. Assim, apressa o passo, reza a última ave-maria — isto é, atravessa a última cidade — do rosário no nono quadro e chega a Recife no décimo, em que, sentado para descansar, ouve a conversa de dois coveiros. Um deles trabalha em Santo Amaro, e por isso é invejado pelo outro, empregado da Casa Amarela, cemitério dos retirantes, dos pobres e dos miseráveis. Ambos não entendem os retirantes:

- *Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando a sua morte chega,
temos de enterrá-los em terra seca.*

(...)

- *Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço
crescendo mais cada dia;
morre gente que nem vivia.*
- *E esse povo lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
pode morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando
cemitérios esperando.*
- *Não é viagem o que fazem
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro.*

A idéia de que a jornada até Recife era, na verdade, seu próprio funeral desanima Severino. O décimo primeiro quadro é um monólogo em que a idéia do suicídio, à beira do mar, em um cais do rio Capibaribe, é sugerida:

*A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia.*

O mestre José, carpinteiro, — não por acaso, homônimo do pai de Cristo — **morador de um dos mocambos que existem entre o cais e a água do rio**, surge no décimo segundo quadro para ser questionado por Severino: que valor tem a vida, se severina até a morte? José é categórico:

— *Severino, retirante,
muita diferença faz
entre lutar com as mãos
e abandoná-las para trás,
porque ao menos esse mar
não pode adiantar-se mais.*

O mar citado acima é a miséria que se agiganta cada dia mais sobre os tantos severinos, mas o mestre não pensa que é necessário dobrar-se a ele. Depois de uma série de perguntas, o retirante finalmente expõe sua verdadeira intenção:

— *Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?*

Subitamente, no décimo terceiro quadro, **uma mulher, da porta de onde saiu o homem, anuncia-lhe** que nasceu seu filho:

*Saltou para dentro da vida
ao dar seu primeiro grito;
e estais aí conversando;
pois sabeis que ele é nascido.*

É a resposta ao que Severino havia acabado de perguntar: enquanto pensava em saltar fora da vida, salta-lhe quase ao colo o filho do mestre. O décimo quarto quadro é todo de louvor ao nascido; vizinhos, amigos e duas ciganas cantam-lhe a vida:

— *Todo céu e a terra
lhe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor.
— Cada casebre se torna
no mocambo modelar
que tanto celebram os
sociólogos do lugar.*

Mesmo miseráveis, os visitantes presenteiam a criança. Cada um dá o que pode, cobrindo o pequeno de elogios e esperanças:

— *Minha pobreza tal é
que não tenho presente melhor:
trago papel de jornal
para lhe servir de cobertor;
cobrindo-lhe assim de letras
vai um dia ser doutor.*

O ambiente otimista é quebrado por uma das ciganas, que anuncia como inevitável o destino do filho de José:

*Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,
que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida;
depois, aprenderá com
outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo.*

A vida do garoto será semelhante à de um animal. No entanto, a outra cigana enxerga um futuro melhor, ainda que sofrido:

*Não o vejo dentro dos mangues,
vejo-o dentro de uma fábrica:
se está negro não é lama,
é graxa de sua máquina,
coisa mais limpa que a lama
do pescador de maré
que vemos aqui, vestido
de lama da cara ao pé.*

No décimo sétimo quadro, a criança é elogiada pelos visitantes, que a identificam com o **sim** — que se opõe às **coisas de não** — e com o **novo**:

- *De sua formosura
deixai-me que diga:
tão belo como um sim
numa sala negativa.*
- (...)
- *Belo porque tem do novo
A surpresa e a alegria.*
- *Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.*
- (...)
- *E belo porque com o novo
todo o velho contagia.*

O último quadro está reproduzido integralmente abaixo:

**O Carpina fala com o retirante que esteve de fora,
sem tomar parte em nada**

- *Severino retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.*

*E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.*

Mesmo que não se considere apto a responder a pergunta de Severino, José afirma que a explosão da vida de seu filho, que ambos puderam apreciar, era a alternativa: mesmo com as mazelas, a vida deve ser vivida, mesmo que seja severina.